

Entre livros e relações: a humanização como princípio nas bibliotecas comunitárias e seus impactos sociais para pessoas em situação de vulnerabilidade social

Between books and relationships: humanization as a guiding principle in community libraries and its social impact on people in situations of vulnerability

Entre libros y relaciones: la humanización como principio en las bibliotecas comunitarias y sus impactos sociales para personas en situación de vulnerabilidad social

Maria Renata Antônio

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

mariarenata1253@gmail.com

Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit

Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

danielaspudeit@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar como as práticas de humanização desenvolvidas na Biblioteca Cidadã influenciam os impactos sociais gerados nessa biblioteca comunitária voltada às pessoas em situação de vulnerabilidade social. Fundamenta-se nas teorias humanizadoras de Paulo Freire e Antonio Candido, destacando as características que diferenciam bibliotecas comunitárias de bibliotecas públicas tradicionais. A pesquisa possui caráter exploratório-descritivo, bibliográfico e qualitativo. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com voluntários e colaboradores da Biblioteca Cidadã, utilizando um roteiro semiestruturado composto por perguntas abertas que abordam aspectos como a formação dos profissionais que atuam na biblioteca, o perfil do público atendido, a percepção sobre os impactos sociais das práticas humanizadoras para as pessoas em situação de vulnerabilidade e os principais desafios enfrentados e sugestões para melhorias nos serviços oferecidos. Os resultados apontam para um conjunto de práticas humanizadoras desenvolvidas na Biblioteca Cidadã e a geração de impactos sociais relevantes, promovendo inclusão e cidadania. No entanto, desafios como o preconceito estrutural e a escassez de recursos limitam o pleno desenvolvimento das ações educacionais e culturais, exigindo esforços contínuos para a superação dessas barreiras e para o fortalecimento do papel transformador da biblioteca comunitária na sociedade.

Palavras-chave: Biblioteca comunitária; Humanização; Biblioteca cidadã; Impacto social; Pessoas em situação de vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This study aims to investigate how humanizing practices developed in community libraries influence the social impacts generated by these institutions, with a focus on Biblioteca Cidadã. It is grounded in the humanizing theories of Paulo Freire and Antonio Candido, highlighting the characteristics that distinguish community libraries from traditional public libraries. The research adopts an

exploratory-descriptive, bibliographic, and qualitative approach. Data collection involved interviews with volunteers and collaborators at the Biblioteca Cidadã, guided by a semi-structured script with open-ended questions. These questions addressed aspects such as the training of library professionals, the profile of the public served, perceptions of the social impacts of humanizing practices on people in vulnerable situations, and the main challenges faced along with suggestions for improving the services provided. The results reveal a set of humanizing practices implemented by the Biblioteca Cidadã and their significant social impacts, fostering inclusion and citizenship. However, challenges such as structural prejudice and resource shortages limit the full development of educational and cultural actions, requiring ongoing efforts to overcome these barriers and strengthen the transformative role of the community library in society.

Keywords: Community library; Humanization; Biblioteca cidadã; Social impact; People in vulnerable situations.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo investigar cómo las prácticas de humanización desarrolladas en las bibliotecas comunitarias influyen en los impactos sociales generados por estas instituciones, con énfasis en la Biblioteca Ciudadana. Se fundamenta en las teorías humanizadoras de Paulo Freire y Antonio Candido, destacando las características que diferencian a las bibliotecas comunitarias de las bibliotecas públicas tradicionales. La investigación tiene un carácter exploratorio-descriptivo, bibliográfico y cualitativo. Para la recolección de datos, se realizaron entrevistas con voluntarios y colaboradores de la Biblioteca Ciudadana, utilizando un guion semiestructurado compuesto por preguntas abiertas que abordan aspectos como la formación de los profesionales que actúan en la biblioteca, el perfil del público atendido, la percepción sobre los impactos sociales de las prácticas humanizadoras en personas en situación de vulnerabilidad, así como los principales desafíos enfrentados y sugerencias para mejorar los servicios ofrecidos. Los resultados señalan un conjunto de prácticas humanizadoras desarrolladas en la Biblioteca Ciudadana y la generación de impactos sociales relevantes, promoviendo la inclusión y la ciudadanía. Sin embargo, desafíos como el prejuicio estructural y la escasez de recursos limitan el pleno desarrollo de las acciones educativas y culturales, exigiendo esfuerzos continuos para superar estas barreras y fortalecer el papel transformador de la biblioteca comunitaria en la sociedad.

Palabras clave: Biblioteca comunitaria; Humanización; Biblioteca cidadã; Impacto social; Personas en situación de vulnerabilidad social.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as bibliotecas exerceram um papel fundamental na democratização do acesso ao conhecimento e na promoção da inclusão social, servindo como portas de acesso à informação e à cultura. Promovendo atividades essenciais para a aprendizagem e funcionando como ferramenta de apoio a alfabetização e a educação, servindo como garantia de registro autêntico do conhecimento criado e acumulado por gerações passadas (Joson, 2022).

O Dicionário do Desenvolvimento (2016) define a inclusão social como um processo que visa aprimorar as condições de participação de grupos historicamente vulneráveis, com base em fatores como idade, gênero, deficiência, etnia, origem,



religião, e condição econômica, ao promover e ampliar oportunidades anteriormente negadas a esses indivíduos. Esse processo garante os direitos de todas as pessoas enquanto cidadãos. Nesse sentido, as bibliotecas desempenham um papel essencial na promoção da inclusão e na mitigação das desigualdades sociais historicamente impostas e sua principal função é garantir o acesso a diversos tipos de informações.

No entanto, as bibliotecas públicas, escolares ou mesmo universitárias nem sempre conseguem atender de forma satisfatória a todas as comunidades, seja pela sua localização, pela falta de políticas governamentais que promovam a inclusão de diversos públicos ou por outros fatores. Neste contexto, surgem as bibliotecas comunitárias, fruto da mobilização das próprias comunidades, com o objetivo de suprir as necessidades informacionais locais e garantir o acesso democrático à informação e à cultura. As bibliotecas comunitárias, além de cumprirem suas funções tradicionais, atuam como espaços de resistência e transformação social, sendo lugares de acolhimento, diálogo e construção coletiva de saberes.

Levando em consideração esse contexto, as bibliotecas comunitárias transcendem suas funções tradicionais de armazenamento e distribuição de livros, assumindo um papel fundamental na transformação social. Elas promovem a humanização das relações ao fortalecer vínculos comunitários e fomentar um espaço de inclusão e acolhimento em que a troca de saberes coletivos é incentivado.

Ao estabelecerem um ambiente acessível a todos, especialmente a grupos vulneráveis, as bibliotecas comunitárias transformam o conceito de educação, ao promoverem a interação entre indivíduos diversos, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento pessoal e comunitário. Inspiradas pela abordagem pedagógica de Paulo Freire, essas instituições destacam a relevância da educação crítica e emancipadora, garantindo não apenas o acesso ao conhecimento, mas também o fortalecimento da consciência social e do sentimento de pertencimento. Para delimitar essa análise, a pesquisa foca na Biblioteca Cidadã, uma biblioteca comunitária que atende pessoas em situação de rua e em condições de vulnerabilidade social na cidade de Florianópolis-SC.

Diante desse cenário, questiona-se: como as práticas de humanização desenvolvidas na Biblioteca Cidadã influenciam os impactos sociais gerados nessa



biblioteca comunitária voltada às pessoas em situação de vulnerabilidade social. Dessa forma, para responder a esse problema de pesquisa, tem como objetivo principal investigar o papel humanizador da Biblioteca Cidadã enquanto biblioteca comunitária e agente de transformação social. Especificamente, busca-se: a) analisar por meio da revisão de literatura as formas com que as bibliotecas comunitárias promovem a inclusão e o empoderamento de seus diferentes públicos; b) identificar as práticas educativas realizadas na Biblioteca Cidadã e os impactos sociais sobre a comunidade atendida na Passarela da Cidadania; c) apresentar os desafios enfrentados e oportunidades na promoção da humanização na Biblioteca Cidadã.

2 O PAPEL E A IMPORTÂNCIA SOCIAL DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS NA SOCIEDADE: foco na humanização, inclusão e empoderamento das pessoas

Dentro desse bojo, compreender o surgimento das bibliotecas comunitárias requer uma análise prévia das bibliotecas públicas, de suas funções e do seu papel como instituições tradicionais que serviram de base para o desenvolvimento de espaços informais e comunitários. A atuação das bibliotecas públicas, voltada para a democratização do acesso à informação, inspirou o movimento de bibliotecas populares, que foram criadas para atender a demandas específicas de suas comunidades locais.

O Manifesto IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas (2022) define a biblioteca pública como um centro de acesso à informação voltado para a comunidade local, com a missão de ser acessível a todos os seus usuários. O documento também enfatiza que os serviços oferecidos por essas bibliotecas devem ser prestados de maneira equitativa, sem distinção de qualquer natureza, garantindo que todos os indivíduos, independentemente de suas condições, tenham o direito de usufruir dos recursos disponíveis. De acordo com esse documento, várias ações essenciais são atribuídas às bibliotecas públicas para garantir o acesso à informação e à cultura para a comunidade como a promoção de hábitos de leitura desde a infância, o apoio à educação individual e formal em todos os níveis, a



ampliação do acesso às diversas formas de expressão cultural, o incentivo ao diálogo intercultural e à valorização da diversidade, além de assegurar o acesso dos cidadãos a informações locais e de interesse público.

Apesar das bibliotecas públicas geralmente estarem localizadas em áreas centrais e atenderem a um público diversificado, essa localização dificulta o acesso de grupos em situação de vulnerabilidade e dos moradores de comunidades distantes, que muitas vezes não se sentem contemplados pelas atividades e serviços oferecidos. Esses serviços tendem a ser voltados para a população do entorno, o que exclui, involuntariamente, aqueles que mais necessitam de apoio. Além disso, a falta de tempo, causada por longas jornadas de trabalho, a necessidade de uso do transporte público e a escassez de recursos materiais, agrava ainda mais a dificuldade dessas pessoas em acessar esses espaços.

Nesse contexto, surgem as bibliotecas comunitárias, concebidas para suprir a lacuna de acesso à informação e oferecer um espaço inclusivo que atende às necessidades das comunidades que não se veem contempladas pelos serviços das bibliotecas públicas convencionais. Essas instituições promovem uma abordagem mais próxima da realidade local, garantindo que o acesso ao conhecimento e à cultura seja ampliado. Por meio da valorização dos saberes locais e do diálogo contínuo, as bibliotecas comunitárias contribuem para a construção de uma rede de apoio comunitário e desenvolvimento social.

Segundo Machado (2008), essas bibliotecas se caracterizam como projetos sociais autônomos e sem vínculo com instituições governamentais, onde a liderança é exercida por um grupo de pessoas com objetivo comum de ampliar o acesso daquela comunidade à informação e outras formas de expressões culturais, visando assim a emancipação social desses indivíduos. Nesse contexto, as bibliotecas comunitárias surgem como alternativas para o acolhimento e maior participação de comunidades historicamente menos favorecidas. Ao criar oportunidades para o exercício da cidadania e da consciência crítica, essas bibliotecas tornam-se agentes essenciais na construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Para isso, é preciso considerar que as pessoas que lideram os espaços são membros da comunidade, porém nem sempre tem apoio e recursos para agir de forma transformadora. De modo geral, espera-se que as bibliotecas comunitárias



criem mecanismos que auxiliem no desenvolvimento social de sua comunidade. A partir da adoção de práticas que evidenciem os talentos dos indivíduos que ali frequentam, e dessa forma se constituam como espaços públicos voltados para a emancipação social de suas comunidades (Machado, 2008).

Ao integrar o conhecimento local e valorizar a identidade dos seus membros, as bibliotecas comunitárias se consolidam como espaços de pertencimento e fortalecimento social. Além de proporcionar acesso à informação, elas auxiliam na promoção da conscientização e do desenvolvimento de uma cidadania ativa, criando um ambiente propício para a transformação pessoal e coletiva.

Em vista disso, as bibliotecas comunitárias vão além de serem espaços destinados ao fornecimento de informação, tornando-se centros de desenvolvimento humano e social. Ao criarem espaços de diálogo, possibilitam que os indivíduos expressem suas realidades e se abram para novas perspectivas. Ao facilitar o acesso ao conhecimento e valorizando as experiências dos frequentadores, esses espaços educacionais promovem o empoderamento e incentivam as pessoas a serem protagonistas de suas histórias. Esse ambiente inclusivo reforça o papel das bibliotecas como ferramentas de emancipação e agentes de humanização, conforme proposto por Freire (1987).

Para falar sobre a questão da humanização, não podemos deixar de mencionar Freire (1987), cujo pensamento é marcado pela propagação de uma pedagogia libertadora, que se preocupa com a existência do ser humano no mundo. Para Freire (1987), a libertação autêntica dos seres humanos deve passar fundamentalmente pelo processo de humanização, segundo as palavras do autor: “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 1987, p. 38).

Freire (1987), propõe uma educação humanista, libertadora e problematizadora, onde os indivíduos são incentivados a compreender e construir suas próprias existências, atuando como protagonistas de sua história. Seu humanismo rejeita manipulação, opressão e violência, práticas contrárias ao seu ideal de humanidade. Em lugar de um otimismo ingênuo, Freire valoriza uma



esperança crítica, baseada na confiança de que as pessoas podem transformar suas realidades e relações com o outro e com o mundo (Andrade, 2015).

De acordo com Freire (1987), uma educação que visa a adaptação do homem no mundo é absurda, uma vez que pressupõe a existência de uma realidade estática, sugestionando a impossibilidade e o direito de homem transformar o mundo (Andrade, 2015). Neste sentido, o humanismo afirma um compromisso dos seres humanos com a sua própria humanidade, apoiados em sua afirmação ontológica para se tornar cada vez mais humanos. Já que ao perceber-se um ser-no-mundo e um ser-com-outros, o ser humano se diferencia dos outros animais, não apenas por saber do mundo, mas sim por saber o porquê de saber do mundo (Mendonça, 2006).

Para Freire (1982), a humanização não é um ato individual e contemplativo, que acontece dentro da consciência das pessoas, já que dessa forma não passaria de apenas idealização. “A libertação não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, senão nas práxis dos homens dentro da história que, implicando na relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação” (Freire, 1982, p. 98). Portanto, a humanização se constitui nas práxis, dentro da historicidade humana, sendo este um processo permanente e inacabado, dado a natureza humana de incompletude. Freire (1982) afirma que, o ser humano é um ser-no-mundo, e a sua existência social passa a ser reconhecida a partir do momento em que é capaz de captar pela sua consciência a própria realidade (Mendonça, 2006).

Freire (1987), em *Pedagogia do Oprimido*, define a humanização como um processo de conscientização que liberta o ser humano da opressão, permitindo que ele assuma o controle de sua história. Para Freire (1982), a humanização está ligada à liberdade e dignidade, alcançadas através do engajamento crítico e ético na transformação social. Em bibliotecas comunitárias, essa visão indica que espaços de leitura e conhecimento podem atuar como agentes de emancipação, promovendo inclusão social, autonomia e construção coletiva do saber.

Desse modo, para Freire, a humanização representa a libertação do indivíduo por meio de uma educação (práxis) que inicia em um processo de formação humanista que incentiva o pensamento crítico. A construção de



conhecimento deve ocorrer de forma intencional, não meramente como “preenchimento” de informações, mas como ação consciente voltada ao desenvolvimento reflexivo. Esse processo rejeita todo tipo de domesticação do pensamento, e busca promover uma consciência crítica sobre o mundo e a própria realidade, permitindo ao sujeito uma compreensão ativa de sua existência e de seu papel no mundo.

Trazendo para esse contexto, as bibliotecas comunitárias apresentam potencial de cumprir um papel humanizador fundamental, uma vez que a sua existência visa promover a inclusão e o empoderamento dos indivíduos, especialmente de grupos vulneráveis, ao proporcionar o acesso livre a obras literárias e atividades culturais. A existência desses espaços torna acessíveis as mais variadas obras a pessoas de diversas origens, e dessa forma, além de promover o acesso a literatura, que possui um papel importantíssimo para o fortalecimento dos vínculos sociais, da identidade e memória da comunidade. Prado (2010, p. 145) afirma que a biblioteca comunitária “atua como um sujeito ativo que desempenha um papel fundamental como espaço ideal de leitura, educação, organização social, cidadania, desenvolvimento sustentável e transferência da informação”.

Portanto, o acesso à literatura estimula a imaginação e a empatia, permitindo reflexões sobre a realidade a partir de novas perspectivas. As bibliotecas comunitárias, além de contribuir com o incentivo à leitura, servem como espaço de promoção de diversas discussões, ações culturais e outras atividades que buscam a inclusão do público frequentador, contribuindo dessa forma para a transformação social e aumentando a confiança e a participação na comunidade.

Nesse sentido, as bibliotecas comunitárias têm o potencial de atuar como instrumentos de inclusão e humanização, alinhando-se aos princípios da educação libertadora, conforme apontam as teorias de Paulo Freire e Antonio Candido. Essa perspectiva teórica enfatiza a valorização da singularidade de cada indivíduo e a promoção do acesso à cultura como direitos fundamentais, independentemente de classe ou origem social. No entanto, é importante ressaltar que essa concepção não está necessariamente presente em todas as realidades das bibliotecas comunitárias, mas constitui um ideal a ser alcançado e analisado no contexto desta pesquisa.



A fim de corroborar com o argumento sobre a importância da humanização, Candido (1972) aborda a função psicológica da literatura, que atende à necessidade humana universal por ficção e fantasia. Ele defende que esse impulso, inato e constante ao longo da vida, manifesta-se tanto em crianças quanto em adultos, desde sociedades primitivas até as civilizadas, e independe de níveis de instrução ou alfabetização. A literatura, nesse sentido, atua como um mecanismo de suporte psicológico que auxilia o indivíduo na construção de sua experiência humana e no enfrentamento da própria realidade. Para o autor, a literatura possui uma função educativa que ultrapassa os limites do pedagógico convencional. Servindo como uma ferramenta de formação e de desenvolvimento humano, oferecendo um processo de aprendizado emocional e social que não se prende aos manuais de conduta ou normas. A literatura, assim, tem um imenso poder humanizador, mesmo sendo paradoxalmente considerada uma fonte de contestação e transgressão, pois questiona valores e estruturas estabelecidas, permitindo ao leitor confrontar diferentes perspectivas e realidades.

Candido (1988) explora a função contraditória, mas humanizadora da literatura. Para ele, a literatura é um objeto autônomo com estrutura e significado próprios, uma forma de expressão das emoções individuais e coletivas, e ainda uma via de conhecimento. A estrutura literária, criada pelo poeta ou narrador, atua como um ‘modelo de coerência’, ordenando as palavras de modo a influenciar a nossa percepção e organização mental. Em síntese, Candido propõe que esta exerce um papel fundamental na construção da experiência humana, não pela imposição de normas morais, mas por mostrar caminhos para que o leitor se organize internamente e, por extensão, reorganize sua visão do mundo. Essa capacidade de provocar reflexões profundas e reorganizar as percepções individuais evidencia o poder transformador da literatura. Ao transportar o leitor para vivências e dilemas diversos, a literatura não apenas humaniza, mas promove uma forma de autoconhecimento que incentiva a empatia, o pensamento crítico e a transformação pessoal.

Paulo Freire e Antonio Candido dedicam vários capítulos de suas obras para falar sobre a humanização dos homens. Embora esse tema seja abordado de maneiras distintas, mas quando visto de forma atenta, são perspectivas bastante



semelhantes e que conversam entre si. Ambos os autores entendem que, para que seja possível a promoção de uma vida liberta das opressões impostas diariamente, o aprimoramento da visão crítica sobre a própria experiência de vida, e conseqüentemente, uma visão crítica do mundo adquirida a partir dessa experiência, é necessário falar sobre a humanização. Seja ela advinda através do acesso a literatura, ou a partir do acesso a espaços de educação humanizados, que tenham por objetivo primordial tecer discussões críticas acerca da realidade presente, e que no contexto desse trabalho, são aplicadas as bibliotecas comunitárias. Sobre como essa abordagem pautada em uma educação libertadora e crítica da realidade imposta, é fundamental para a inclusão daqueles que historicamente se encontram em situação de vulnerabilidade e, que por muitas vezes tiveram o acesso negado a educação, a literatura, as artes e aos espaços públicos.

Pinto (2013) reforça a questão da ampliação do poder de reflexão das pessoas por meio da leitura, refletindo dessa forma na resistência contra a dominação simbólica imposta. O autor defende que “ao despertar o interesse pela leitura e formar leitores, as bibliotecas comunitárias estão formando a base para a formação de um novo pensamento” (Pinto, 2013, p. 35). Ao propor grupos de leitura e discussão, as bibliotecas comunitárias estão ampliando o poder de reflexão, e, como consequência, criando uma resistência contra a dominação simbólica. E essa revolução passa necessariamente pelas palavras e pela transformação das consciências.

Nessa fala, o autor destaca o papel essencial das bibliotecas comunitárias como agentes de transformação, capazes de influenciar e gerar mudança significativa por meio da leitura e da reflexão coletiva. Ao fazer isso, essas bibliotecas não apenas resgatam a conexão com um “mundo perdido” de saberes e experiências, mas também promovem a resistência contra a dominação imposta, desafiando as narrativas hegemônicas que perpetuam desigualdades.

Durante o decorrer dessa seção, buscou-se abordar a questão das bibliotecas comunitárias como possuindo princípios humanizadores e catalisadores de mudança, de modo a destacar seu papel fundamental para a inclusão, empoderamento e emancipação dos seus públicos, em especial, aqueles que se



encontram em situação de vulnerabilidade. O diálogo proposto entre as ideias de Paulo Freire e Antonio Candido servem como evidência para a importância da humanização advinda através do acesso à literatura e a espaços educacionais humanizados e inclusivos.

Nesse contexto, Freire ressalta a importância da práxis para uma educação libertadora, que auxilie os indivíduos na compreensão e transformação da sua realidade. Por outro lado, Candido aponta o poder humanizador da literatura, que quando visto a partir do viés reflexivo é capaz de ampliar a empatia e reorganizar a visão de mundo do leitor. Nesse sentido, ambos autores concordam que a humanização acontece a partir da vivência compartilhada, da reflexão crítica e do acesso as expressões culturais, ações essas que as bibliotecas comunitárias buscam promover em suas práticas cotidianas. Atuando dessa forma como dispositivos fundamentais na luta contra a dominação hegemônica e, oferecendo aos seus frequentadores não apenas acesso a informações, mas também a oportunidade de se reconhecerem enquanto sujeitos ativos de suas histórias e de sua comunidade. Por meio da literatura e da educação humanizadora, as bibliotecas comunitárias reforçam seu compromisso com a transformação social, atuando como fragmentos de esperança em contextos de desigualdade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Caracteriza-se como uma pesquisa exploratória-descritiva, bibliográfica e de caráter qualitativo, direcionada ao entendimento do papel da humanização nas bibliotecas comunitárias e de seus impactos sociais.

Para a fundamentação teórica e análise dos dados foi utilizada a pesquisa bibliográfica no qual foram consultadas a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), base Oasis.br e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT). Usou-se os termos “biblioteca comunitária”, “humanização”, “inclusão social”, ou “impacto social”, “pessoas em situação de vulnerabilidade social”, “pessoas em situação de rua” para recuperar trabalhos em língua portuguesa publicados entre 2014 a 2024.



Foram recuperados 215 materiais, entre eles artigos, dissertações e ensaios, contudo apenas 21 foram julgados relevantes para essa pesquisa após leitura técnica dos resumos. Entretanto, durante a análise dos materiais recuperados, notou-se que muitos deles encontravam-se repetidos ou não estavam relacionados a temática buscada, ocasionando um maior número de trabalhos, o que resultou em uma escolha dos materiais reduzida.

Além da pesquisa bibliográfica, para responder aos objetivos da pesquisa foram feitas entrevistas com voluntários e colaboradores que atuam na Biblioteca Cidadã em Florianópolis no atendimento às pessoas em vulnerabilidade social.

A Biblioteca Cidadã, foco desta pesquisa, teve início em março de 2022, como parte do projeto de Extensão “Libertas: promoção do acesso à informação e cultura”, que é coordenado pela professora Daniela Spudeit, do curso de Biblioteconomia da UDESC. Tem como objetivo realizar atividades que promovam a formação de consciência crítica e reflexiva por meio do acesso à leitura, à informação e à cultura (Spudeit; Haugg, 2023).

Spudeit e Haugg (2023) explicam que por meio deste projeto, a biblioteca passou por um processo de organização de seu acervo, que incluiu seleção, descarte, classificação de assuntos e aquisição por meio de doações, entre outras atividades. A inauguração oficial ocorreu em 14 de julho de 2022, na Passarela da Cidadania, como resultado de uma parceria entre a Prefeitura de Florianópolis, o Núcleo de Recuperação e Reabilitação de Vidas (NURREVI)¹ e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

O local onde funciona a Biblioteca Cidadã até maio de 2025 era gerido atualmente pelo Núcleo de Reabilitação pela Vida (NURREVI), organização sem fins lucrativos que gerencia o espaço destinado ao acolhimento de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social cedido pela Prefeitura de Florianópolis. Atualmente, existe um processo de licitação aberto na Prefeitura para nova instituição assumir a gestão do espaço. A Passarela da Cidadania, em Florianópolis, SC foi criada para

¹ O NURREVI é uma organização social, certificada como entidade de assistência social (Portaria DOU 10/10/2019) que foi criada no ano de 1999, com a finalidade de atender populações em situação de risco. Mais informações em <https://www.nurrevi.org/>



acolher e servir como casa de passagem para pessoas que se encontram em situação de rua e vulnerabilidade social na cidade.

A biblioteca comunitária surgiu da demanda das próprias pessoas abrigadas na Passarela da Cidadania pois havia uma necessidade de um ambiente adequado para realização de atividades culturais e educacionais, mas também para armazenamento e empréstimo de livros, uma vez que os acolhidos já traziam livros das ruas para o espaço desde 2019, resultando em muitos livros dispersos ou mal armazenados.

É um espaço gratuito e acessível ao público que busca promover o acesso à cultura e à informação, especialmente para pessoas em situação de rua acolhidas na Passarela da Cidadania (Spudeit; Haugg, 2023).

Com o apoio da Biblioteca Pública de Santa Catarina, do SESC, da Biblioteca Municipal Barreiros Filho e a colaboração de voluntários e bolsistas do curso de Biblioteconomia da UDESC, a Biblioteca Cidadã foi criada em resposta ao interesse dos frequentadores da Passarela da Cidadania. Este espaço se caracteriza por promover a inclusão social e o engajamento cultural coletivo, oferecendo serviços de empréstimo, atendimento diário ao público, além de ações culturais e oficinas semanais, além de diversos serviços de informação.

Para a coleta de dados, foi criado um roteiro semiestruturado para entrevistar pessoas que atuam na Biblioteca Cidadã. O roteiro teve sete perguntas abertas que abordam desde a formação profissional das pessoas que atuam na biblioteca, o público-alvo a quem se destina, a percepção dessas pessoas acerca do impacto social que a humanização nesses espaços gera para os frequentadores da biblioteca, e quais são os maiores desafios enfrentados e sugestões para melhoria do espaço e serviços na Biblioteca Cidadã em Florianópolis.

As pessoas selecionadas para serem entrevistadas possuem vínculo com a Biblioteca Cidadã, seja de forma voluntária, vinculadas a NURREVI, ao SESC ou a UDESC que está diretamente atuando nesta biblioteca comunitária, totalizando 6 profissionais envolvidos diretamente: duas bibliotecárias, um bolsista, duas pedagogas e um voluntário estudante de Serviço Social que também atua na biblioteca, porém somente 4 pessoas puderam responder, sendo essas a coordenadora do projeto, a pedagoga, o bolsista de biblioteconomia e a



bibliotecária que desenvolve ações voluntárias no local com o objetivo de identificar como a humanização nas bibliotecas comunitárias atua como agente de transformação social e promove a inclusão de pessoas em situação de vulnerabilidade social.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para compreender como as práticas humanizadoras são aplicadas no contexto da Biblioteca Comunitária Cidadã, foram realizadas entrevistas com quatro participantes que atuam de forma contínua ou periódica na biblioteca. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em bases de dados, a fim de fundamentar teoricamente a análise e ampliar a compreensão sobre a problemática investigada.

As entrevistas foram feitas com o objetivo de compreender a partir das respostas fornecidas, suas atuações nesses espaços, vivências, atividades desenvolvidas, a visão acerca da humanização e o impacto social gerado para as pessoas recebem esses serviços, além de apontar os principais desafios enfrentados para a manutenção do espaço aberto, bem como as suas perspectivas de melhorias.

Na entrevista com a coordenadora da biblioteca, que é professora e bibliotecária por formação, conta que atua como voluntária na Passarela Cidadã desde 2018, ainda quando sequer existia um espaço destinado para a biblioteca. A inauguração da biblioteca, só aconteceu formalmente em julho de 2022, e recentemente, no segundo semestre de 2024 foi inaugurado um segundo espaço no local. O principal foco dessa biblioteca está em atender as pessoas que atualmente se encontram em situação de rua ou em situação de vulnerabilidade social em Florianópolis². Em relação a como essa biblioteca se mantém, embora se trate de um local público, ele é gerenciado por uma ONG, a NURREVI, que tem contrato com a prefeitura, mas o projeto em si, depende de recursos e parcerias externas com outras instituições, através da doação de livros e do projeto de extensão da universidade, que fornece um recurso a cada dois anos para custeio das ações e parcerias. Em relação aos recursos, ela afirma:

² Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



Porém, para ela [a biblioteca] se manter depende de recursos e parcerias externas. Então, eu tenho o projeto cadastrado na UDESC como programa de extensão, e aí ele tem várias ações que são realizadas, tenho um recurso a cada dois anos que recebo para isso, recebi esse ano a primeira vez, até então, todas as ações que fazia, eu contava com parcerias, nunca nada foi remunerado. Tudo, a maior parte das coisas, tudo eu tirava do meu bolso, ou conseguia parcerias com outras pessoas, outras instituições. Mas para esse ano e para o ano que vem eu consegui um recurso da UDESC, que não é muito alto, mas já ajuda pelo menos a pagar alguns profissionais para nos ajudar, a conseguir alguns materiais de equipamentos e materiais de uso de expediente para a gente usar na biblioteca. Eu já tentei fazer, captar recursos externos, porém, daí enrosca na situação da institucionalização. Para eu poder conseguir recurso para lá, eu precisaria um CNPJ, ter uma pessoa jurídica por trás. [...] Então, as parcerias que eu tenho conseguido são de instituições públicas, como a Biblioteca Pública, também a própria UDESC, que está sempre auxiliando e outras instituições privadas, como o SESC. Alguns profissionais que vão lá de forma voluntária, que são profissionais da área de Biblioteconomia, mas os recursos externos eu ainda não capto. Então, por enquanto, eu só estou gerenciando os recursos que eu recebo da UDESC³.

Após essa breve fala, podemos perceber que a biblioteca lida com recursos limitados e é sustentada exclusivamente via doações e parcerias com outros profissionais da área. São espaços que não possuem vínculos direto com instituições governamentais, além de serem considerados por diversos estudiosos do assunto como empreendimento sociais que visam o combate à exclusão informacional, ao lugar pela igualdade e promoção de justiça social. Nesse sentido, essa primeira fala confirma os dados levantados anteriormente, o que evidencia o caráter social e político carregados por essas bibliotecas, visto que elas por vezes passam despercebidas e dependem exclusivamente de parcerias.

A biblioteca conta também com o auxílio de uma pedagoga, vinculada ao NURREVI, que atua no espaço desde fevereiro de 2024, auxiliando na questão da manutenção dos livros e da própria biblioteca, mas também prestando serviços pedagógicos, como auxílios em relação ao EJA que também acontece no espaço dedicado a biblioteca, a elaboração de currículos e atividades pedagógicas que são desenvolvidas na biblioteca com objetivo de promover o acolhimento para essas pessoas que atualmente estão na passarela, ou que vem buscar ajuda. Ela fala sobre o objetivo e público-alvo da biblioteca:

O principal público são as pessoas em situação de rua, mas também vêm pessoas de fora que procuram livros que não conseguem acessar em outros lugares. Por exemplo, no SESC, eles dão acesso aos livros, mas não permitem

³ Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



que sejam levados, porque ainda não têm registro. Aqui, conseguimos emprestar livros, mas só durante o dia⁴.

Na segunda fala, é evidenciado o papel social prestado atualmente pela Biblioteca Comunitária Cidadã, tendo em vista que ela atende a uma comunidade que é historicamente excluída pela sociedade e pelo poder público. Segundo Spudeit e Vitorino (2020, p. 1021), “estas pessoas estão enquadradas como grupos vulneráveis porque além de enfrentar dificuldades básicas de moradia, higiene e alimentação também ficam à margem dos benefícios sociais, devido aos obstáculos e barreiras para acesso e uso de sistemas de informação”. Nesse sentido, a biblioteca presta um papel fundamental e humanizador para essa população, uma vez que promove o acesso aos livros, a informação e as outras atividades fornecidas no local as pessoas que têm seus direitos como cidadãos não reconhecidos em outros espaços.

Quanto ao bolsista que trabalha no projeto da Biblioteca Cidadã, está atualmente no sexto período do curso de Biblioteconomia na UDESC. Conforme mencionado por ele, o trabalho atualmente está em organizar as obras por meio da classificação por cores e atender as pessoas que frequentam a biblioteca. Durante esse período em que trabalha na biblioteca, percebeu diferenças significativas entre as pessoas que frequentam e buscam os serviços oferecidos na biblioteca⁵. Ele diz:

Percebo que tem uma lacuna muito grande porque eu encontrei pessoas semianalfabetas, que, às vezes, estavam com alguns problemas cognitivos etc. Então, querendo ou não, a gente precisa ficar mais em cima dessas pessoas, assim, tipo, orientar e tals. Muitos vêm aqui para conversar, trocar uma ideia. E por meio desse diálogo eu começo a apontar coisas que tem no acervo que podem ajudar eles. Mas se eu fosse dividir isso em dois tipos de usuários, tem aqueles que sabem o que querem, principalmente, e eu vejo que aqueles que sabem o que querem são os estrangeiros. Os estrangeiros que chegam aqui na biblioteca, eles já vêm um livro na ponta da língua. Eu percebo que os estrangeiros já têm mais um certo domínio, uma certa autonomia em buscar as coisas aqui na biblioteca. Já o pessoal daqui mesmo, eu vejo aqui, sofre, sabe? Tem um pouco mais de dificuldade. Então, por meio do diálogo, por meio das conversas que a gente tem, e da vida mesmo, eu aponto coisas assim que tem aqui no acervo que pode ser útil a eles, né?⁶

Essa fala evidencia a diversidade dos públicos que frequentam a biblioteca cidadã, refletindo suas diferentes trajetórias e necessidades sociais. De um lado,

⁴ Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.

⁵ Entrevistado 2, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.

⁶ Entrevistado 2, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



estão os estrangeiros, predominantemente oriundos de países latinos como Venezuela, Colômbia, Argentina, Cuba, entre outros. Essas pessoas, muitas vezes alojadas temporariamente na Passarela da Cidadania, buscaram oportunidades fora de seus países de origem, mas, ao enfrentarem maiores dificuldades para entrar no mercado de trabalho brasileiro, acabaram recorrendo a formas alternativas de assistência. Geralmente, esse grupo apresenta um grau de escolaridade mais elevado, o que lhes confere maior autonomia na busca por informações e leituras que atendam aos seus interesses. A fala dele denota a importância da mediação profissional para que as pessoas que buscam a biblioteca acessem as informações e serviços disponibilizados.

Nascimento (2024), aponta que é importante reconhecer que os processos de mediação não estão limitados apenas ao fornecimento de informações e condução de atividades culturais de forma técnica, mas que é necessário além de tudo, levar em consideração as percepções e experiências individuais e os contextos socioculturais de cada indivíduo que frequenta esses espaços.

Por outro lado, há outro segmento composto por brasileiros, de diversas regiões do país, que enfrentam situações de extrema vulnerabilidade. Esse grupo inclui pessoas com baixa escolaridade ou pertencentes à comunidade LGBTQIAP+, que continuam sendo um grupo alvo de preconceitos, tanto da parte da sociedade como de suas próprias famílias. Esses fatores os colocam em condições adversas no mercado de trabalho, restringindo-os a empregos precários ou negando-lhes o direito ao trabalho formal. Como resultado, muitos acabam em situação de rua, sem alternativas concretas para mudar sua realidade. Esses dois públicos ilustram as desigualdades sociais que atravessam o país, tornando a atuação da biblioteca ainda mais significativa como espaço de acolhimento e inclusão.

Conforme apontado por Spudeit e Vitorino (2020, p. 1023), existe a necessidade de que os bibliotecários conheçam o perfil, as características e as necessidades destas pessoas que estão em situação de rua, em relação “ao seu comportamento informacional para desenvolver serviços nas bibliotecas que oportunizem o direito constitucional e uma futura melhoria na qualidade de vida”. Desta forma, cabe ao bibliotecário e aos profissionais que atuam em bibliotecas



comunitárias o papel fundamental de auxiliar essas pessoas na busca por informações, garantindo um acolhimento adequado e humano.

A voluntária que executa ações de incentivo à leitura periodicamente, é bibliotecária por formação e trabalha há 38 anos na mesma área numa das instituições que é parceira da Biblioteca Cidadã. A atuação veio a partir do convite da coordenadora, e que já dura há quase 3 anos. Em relação ao trabalho que ela realiza na Biblioteca Cidadã, aponta:

Eu faço ações de incentivo à leitura, e procuro sempre trabalhar muito a ludicidade e trabalhar muito a leitura poética porque eu vejo que assim eu consigo atingir meus propósitos enquanto profissional. E também eu consigo chegar no coração deles, assim, fazer com que eles também produzam e que eles também possam ser futuros leitores, né? Então, é isso que eu faço. Então, é oficina de escrita, de dobradura, origami, mas sempre tendo como elemento detonador desse processo de oficina a leitura⁷.

Ainda em relação as ações que são desenvolvidas na biblioteca podemos destacar as rodas de biblioterapia e rodas de leitura onde são tratados por meio da literatura diversas temáticas sociais, ambientais, culturais, raciais ou relacionados à saúde, autoestima, saúde mental e física, prevenção de doenças, racismo, LGBTQIA+fobia, entre outros, pertinentes às necessidades vivenciadas pelas pessoas que frequentam a Passarela da Cidadania, temas que tem como objetivo provocar a reflexão, aprendizagem, respeito por meio do diálogo e troca de ideias. Além disso, são ministradas mensalmente oficinas de artesanato e outras atividades lúdicas. A pedagoga da Passarela da Cidadania menciona também as ações que são feitas como cafés coletivos, que são obtidos por meio de doações ou até mesmo através da organização dos próprios funcionários, que se dividem para poder oferecer esse momento de rodas de conversa buscando o acolhimento do público.

Rodrigues, Serafim e Silva (2023) argumentam que o diferencial das bibliotecas comunitárias é que estas são construídas como espaço de inclusão social e cultural, buscando dessa forma o combate à exclusão informacional e social, sendo mais eficazes nas comunidades em que estão inseridas. Os autores ainda argumentam que essa diferença se dá justamente porque os espaços

⁷ Entrevistada 3, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



construídos por agentes públicos geralmente desconhecem os verdadeiros anseios da população.

Vale destacar que a grande maioria dessas ações que são ministradas na biblioteca vêm do trabalho voluntário de bibliotecários e de outras áreas do conhecimento. A coordenadora do projeto aponta que:

As ações sociais e educacionais que a gente realiza, muitas estão voltadas para os próprios temas que eles apresentam demandas. Então, por exemplo, a gente trabalha muito essa questão da autoestima, do bem-estar, da saúde mental, da saúde física também, de questões mais de ordens sociais, culturais, como a questão de prevenção de algumas doenças, a saúde, racismo, LGBTQIAP+fobia e outros temas que são urgentes para eles e que a própria equipe de lá que trabalha com eles também nos passa alguns feedbacks em relação a isso. Até a gente está fazendo agora uma pesquisa para poder identificar outras demandas não somente de ações culturais, mas sociais, entre outras, educacionais, para poder melhorar o nosso planejamento para o ano que vem. A partir dessa coleta, a gente vai ter dados para poder pensar em outras ações para o ano que vem. Mas, do ano passado e esse ano, foram mais ou menos essas ações que foram realizadas, muitas culturais também, mediações de leitura, trabalhando literaturas que têm essas questões sociais por trás, como o próprio racismo estrutural, A miséria, problemas de relacionamento também. Todas as questões mais sensíveis que a própria equipe da Ong trabalham com eles, a gente pega o gancho na biblioteca também. De ações educacionais, a gente também está pensando agora em promover alguns serviços de informação. A gente estava até então ainda fazendo alguns ajustes nos serviços, na equipe, para poder melhorar a prestação de serviços⁸.

É perceptível nessas falas a preocupação com o que será trazido para as ações promovidas na Biblioteca Cidadã. Há um cuidado muito grande em relação a escolha das temáticas que serão trabalhadas, sejam essas a partir de dinâmicas e atividades lúdicas, ou durante a mediação das obras escolhidas. Todo esse cuidado é necessário, uma vez que se busca proporcionar um ambiente acolhedor, e a partir das práticas desenvolvidas, espera-se que os participantes retornem à biblioteca, para buscar mais livros, mais informações e um ambiente acolhedor, que esteja sempre de braços abertos para receber aqueles que mais precisam.

Para Rodrigues, Serafim e Silva (2023, p. 224) “mediante ações práticas, coerentes e democráticas, as bibliotecas comunitárias se constituem como espaço de resistência, de luta e de busca por justiça social e por cidadania”. Os autores ainda argumentam que, para a biblioteca comunitária seja um espaço vivo de inclusão social, são necessárias mais ações, tais como o diálogo e a escuta atenta para com a comunidade local, a busca por parcerias ou órgãos que tenham por

⁸ Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



objetivo o incentivo e a participação de todos os que reivindicam, entre as mais diversas questões, o acesso à informação, à educação e a cidadania.

Em relação a pergunta sobre as práticas humanizadoras e seu impacto na promoção da inclusão social e no acolhimento do público em situação de vulnerabilidade houve respostas bastante interessantes, que conversam muito com as abordagens humanizadoras propostas por Paulo Freire e Antonio Candido:

Quando eu entendo a prática humanizadora é no sentido você tornar o sujeito humano. [...] Às vezes a gente usa certos termos, né? Como usuário, inteligente, principalmente inteligente, né? Tem essa discussão, ah, usuário e inteligente, tanto faz. Mas é curioso que às vezes a gente usa esses termos que [...] são termos frios. [...] que tratam o sujeito, ah, é um inteligente, é pelo menos o sujeito que está usando a biblioteca, sabe? A primeira parte do bibliotecário é compreender que a pessoa é aquela que frequenta uma biblioteca. Entender a história daquela pessoa, o que é que ela busca, o que é que ela ansia. Então, nesse sentido, precisa ter uma troca de diálogo, uma troca entre o bibliotecário e o sujeito que está usando a biblioteca. E pra você ter essa atitude mesmo de entender, é só por meio do diálogo, né? Você conversando com o sujeito, tendo [...] próximo àquilo que é, talvez, as oito etapas de Grogan, [...] do serviço de referência. É mais ou menos essa linha, tipo... você realmente estabelece um diálogo, veja as lacunas do sujeito, o que ele está precisando e nunca menosprezar ele, colocando como se fosse inferior, como se fosse alguém ignorante, ou algo assim, tratar a história daquela pessoa, o que ela precisa e direciona para o conteúdo, não só para o conteúdo que está na biblioteca, mas também para coisas que vão além da biblioteca. É interessante que a prática humanizadora por parte da biblioteca esteja relacionada a isso, seja um sujeito que vai além da biblioteca. Ele está na biblioteca, mas pode oferecer coisas que vão além⁹.

Freire (1981) e Candido (1988) apontam que quando visto do ponto de vista elitista, são ditas coisas relacionadas a uma incapacidade de compreensão e de elaboração de pensamentos complexos pelas pessoas menos favorecidas, como se elas fossem “incapaz de pensar certo, de abstrair, de conhecer, de criar, eternamente ‘de menor’, permanentemente exposto às ideias chamadas exóticas, o povão precisa de ser defendido” (Freire, 1981, p. 20). Esse ponto de vista, no entanto, não leva em consideração a sabedoria popular, as manifestações culturais que moldaram a vida e a vivência dessas pessoas, imitando a sua atuação na participação e da reinvenção da sociedade.

Nesse contexto, cabe a biblioteca comunitária assumir um posicionamento crítico, não apenas como um espaço de acolhimento, mas também como um ambiente que valoriza os saberes e as experiências das pessoas que ali frequentam. É fundamental que essas vivências não sejam apenas ouvidas, mas integradas ao

⁹ Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



repertório coletivo. Além disso, é essencial promover ações e mediações literárias que estimulem o pensamento crítico e reflexivo, valorizando tanto a aquisição de novos conhecimentos quanto os saberes e as expressões populares, que desempenham um papel significativo na construção da diversidade cultural e intelectual da comunidade.

Ainda em relação as práticas humanizadoras, algo bastante ressaltado pela coordenadora do projeto é a questão do acolhimento, da prática de empatia com as pessoas que buscam os serviços ofertados pela biblioteca, ou apenas um lugar de escuta e conversa.

Eu acredito que a humanização é o grande segredo do nosso serviço ali, porque a gente sempre pensa nas pessoas que estão ali como um ser integral, que são pessoas que tiveram suas dificuldades, tiveram seus erros, às vezes têm um passado complicado, dolorido, mas a gente não leva nada disso em consideração, a gente parte daquele momento, do presente. E muitas vezes é esse tipo de abertura que eles precisam, né? De alguém que escute, que se solidarize, que tente auxiliar de algum jeito. E a humanização é a grande chave dos nossos serviços ali dentro do nosso espaço. Sempre pensando nesse ambiente acolhedor, inclusivo, de pensar neles em primeiro lugar e depois o que a gente quer fazer. Mas quais são as demandas que eles têm, as dores que eles têm, as histórias que eles têm. Então, a gente sempre pensa nisso para poder, então, pensar nas nossas ações¹⁰.

Freire (1987) apresenta a humanização como uma ferramenta para modificar o mundo. Para ele a humanização é uma forma de subversão, de não aceitação da realidade como nos é dada, e da adoção de uma visão crítica e prática que busca a modificar o mundo através do uso da palavra e da ação, a práxis. Nesse contexto, a adoção de práticas humanizadoras para com pessoas em situação de vulnerabilidade e, historicamente oprimidas, é romper com as dinâmicas que perpetuam a invisibilidade social é desafiar a indiferença daqueles que “veem” sem realmente enxergar a realidade dessas pessoas. Nesse sentido, Coelho e Bortolin (2017, p. 98) declaram que a proposta dessas bibliotecas está atrelada a um “projeto de ação cultural que visa promover a igualdade de acesso, e a formação de leitores críticos, dando voz aos excluídos”. Os proponentes da biblioteca constroem forte relação de integração com a comunidade residindo nesse ponto a continuidade de muitas dessas iniciativas.

¹⁰ Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



Sendo assim, as ações culturais, o atendimento humanizado e a abertura da biblioteca como um espaço de acolhimento e escuta tornam-se atos de resistência e afirmação de direitos. As pessoas que atuam diariamente na Biblioteca Cidadã, ao adotarem uma postura humanizadora, não apenas viabilizam o acesso ao conhecimento e à cultura, mas também contribuem com o estímulo à leitura, a educação e o desenvolvimento do pensamento crítico. Esse movimento auxilia e encoraja os indivíduos a buscarem novas oportunidades, superarem a invisibilidade social e a se tornarem sujeitos críticos e atuantes na sociedade.

Em relação a como as ações desenvolvidas no espaço auxiliam no empoderamento e no acesso à informação e a cultura, há um reconhecimento de que as ações são voltadas para a autonomia dessa comunidade. São iniciativas que buscam acolher, mas também instigar a reflexão, o pensamento crítico e a criatividade por meio da leitura e cultura. Segundo a coordenadora do projeto:

Eu creio que todas as ações são inclusivas, partem da inclusão, do acolhimento, da humanização. E todas essas ações que a gente faz de formação, de conversa, de mediação, seja por meio da arte, como a gente já fez várias oficinas de artesanato, seja por meio da literatura, seja por meio de temas específicos, como nós trabalhamos em outubro, a questão da valorização da vida. A gente pensa que essas ações educacionais vão auxiliá-los no acesso à cultura e à informação, principalmente porque dá essa possibilidade de eles repensarem o que eles querem para o futuro deles. E a gente traz autores e informações para despertar o interesse deles e buscarem mais outras fontes, além daquelas que a gente leva. Para que eles também se sintam parte dessa autonomia na busca do conhecimento deles, porque a aprendizagem, a construção do conhecimento é uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo que a gente leva as informações, seja por meio de diversas formas, a gente também espera que eles demonstrem interesses e que eles busquem isso depois, até para que eles se sintam autônomos nesse processo e não fiquem totalmente dependentes das pessoas ali. Então, é com essa ideia que a gente promove essas ações educacionais, para promover essa autonomia, essa independência e para que eles se reconheçam como cidadãos que têm direito aos benefícios, a todos os direitos que estão garantidos pela Constituição Federal, assim como qualquer outra pessoa que paga impostos ou que tem sua residência fixa. Então, eles precisam se empoderar nesse sentido e, possibilitando acesso à informação, à cultura, à educação, como a gente tem várias ações, a gente espera que eles percebam isso.

Algo bastante ressaltado nessa fala, é a questão da mediação intencional feita na biblioteca, uma vez que busca não só mostrar determinado elemento, ação ou informação, mas além disso instiga um processo ativo e intencional que visa o empoderamento dessas pessoas, conforme o que é apontado por Gomes (2020, p. 20) “essa compreensão assinala a força das dimensões da mediação da informação



como instâncias do cuidado”, isso fica claro porque o mediador e o próprio ambiente informacional também “constroem conhecimento e autoconhecimento, consolidando a consciência quanto à intencionalidade de contribuir com o desenvolvimento e fortalecimento do protagonismo social” (Gomes, 2020, p. 20).

Dessa forma, por meio de ações educativas e culturais, a biblioteca busca promover o acesso à informação e aos direitos constitucionais auxiliando os participantes a partir das mediações a refletirem sobre as atuais condições como cidadãos plenos. Essa abordagem visa fortalecer a autonomia desses grupos, ao passo que rompe com a dependência, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e empoderados.

Para concluir as entrevistas, foram feitas perguntas que tinham por objetivo identificar quais as principais dificuldades enfrentadas, sejam estas em relação a manutenção do espaço e serviços, ou até mesmo em relação a promoção de atividades diferentes para essas pessoas. A pedagoga, que é uma pessoa bastante engajada na questão da inclusão social e busca sempre o desenvolvimento de parcerias que beneficiem e proporcione novas experiências as pessoas que frequentam a biblioteca, afirma que uma das principais dificuldades encontradas ainda é o preconceito:

O maior desafio ainda é o preconceito da sociedade. Quando falo que são pessoas em situação de rua, muitos desligam o telefone ou dizem que não dá. [...] Queria levá-los ao cinema ou teatro, mas o pessoal não aceita. [...] Acho que a sociedade precisa ver que eles estão em um momento difícil, mas são iguais a nós¹¹.

Essa fala destaca o quanto o preconceito estrutural é algo presente e desumanizante, pois dificulta o acesso a inclusão social e cultural de pessoas em situação de rua. Mattos e Ferreira (2004) falam sobre como essa negligência é algo comum e habitual em relação as pessoas em situação de rua e vulnerabilidade, pois ao passo que estamos habituadas as suas presenças, há uma dessensibilização em relação a condição (sub) humana. Esse preconceito além de reforçar a exclusão desse público marginalizado, trata a situação de vulnerabilidade como fixa e não transitória. Para que haja uma transformação da realidade, é requerido um esforço coletivo de sensibilização social, adoção de políticas públicas inclusivas e parcerias

¹¹ Entrevistada 4, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



que promovam o acesso à cultura e a dignidade, onde exista um reconhecimento dessas pessoas como iguais, dotados de direitos e capacidade para superar os desafios presentes.

Outras dificuldades relatadas na biblioteca que abriu mais recentemente, estão relacionadas a falta de mais serviços, visto que a biblioteca nesse período passou por diversas mudanças e realocações de espaço, além do fato de que as parcerias e recursos obtidos são limitados, e isso influencia muito no quanto esse espaço se torna um ambiente atrativo para as pessoas fazerem uso mais frequente, bem como a própria questão do local onde a biblioteca está localizada, visto que faz parte de um acordo com a atual ONG que faz a gestão do lugar, mas que a depender de quem ganhe a próxima licitação na prefeitura, poderá sofrer alterações. Foram mencionados também algumas questões relacionadas as melhorias que são almejadas para o futuro próximo, conforme a seguinte fala:

Em termos de melhorias, a gente está ampliando agora essa parte de serviços de informação, porque a gente teve todo um processo nesses dois anos e meio, que foi quando a primeira biblioteca foi criada, e de estar organizando a parte de recursos, a parte de estrutura física, até que a primeira biblioteca que foi montada, ela já mudou de lugares quatro vezes nesse tempo. A biblioteca ali de baixo, agora a gente montou ela, em julho, e agora em outubro ela passou por uma reforma. E agora, por conta de uma ação que vai ter na passarela, ela vai ficar fechada esse mês. Então, a gente vai se adaptando com o que o espaço também nos oferece, para a gente poder melhorar cada vez mais os serviços. Mas as duas bibliotecas em si, a gente tem muitos planos para elas, só que a gente depende dessa parceria com quem está gerenciando o espaço. Por exemplo, se a NURREVI hoje está gerenciando o espaço, perder a licitação e entrar uma outra ONG, a gente tem que fazer todo um trabalho de conversa, de parceria para poder continuar fazendo o que a gente faz e conseguir êxito nas nossas atividades. A gente depende disso, né? E esse também é o maior desafio nosso. Além dessa questão das parcerias, dos recursos financeiros, porque o que a gente recebe hoje ainda é pouco para tudo que a gente quer fazer. Por exemplo, a gente gostaria, numa das duas bibliotecas, pelo menos ter computadores para acesso das pessoas que estão lá. né, para que elas também usem aqueles computadores para buscar um emprego, para fazer um currículo, para fazer uma pesquisa, para fazer um curso online e outros, outras finalidades, né, então a gente precisa pensar, são alguns desafios que nós temos para melhorar a estrutura, mas que também acabam dependendo de outros fatores, então acho que esses são os maiores desafios que a gente tem¹².

Os autores, Cavalcante e Feitosa (2011, p. 125), comentam que embora a biblioteca comunitária enfrente desafios significativos para sua manutenção e desenvolvimento de atividades, estas ainda desempenham um papel importante

¹² Entrevistada 1, e ocorreu no ano de 2025 na cidade de Florianópolis.



para a sua comunidade, pois “Muitas das bibliotecas comunitárias existentes no Brasil, por conseguinte, carecem de recursos e de projetos que possam levar seus usuários a ocuparem espaços na sociedade de modo igualitário”. Entretanto, cumprem importante papel com relação ao desenvolvimento do pensamento crítico e da evidência de esforços coletivos para ampliar os espaços de direito e de articulação locais.

A fala acima, reflete acerca dos desafios e da resiliência envolvidos na gestão de bibliotecas comunitárias, o que evidencia a constante necessidade de adaptação às condições externas, ao passo que vislumbram as possibilidades de expansão dos serviços oferecidos e melhorias nos espaços, a fim de promover a inclusão digital e cidadã de seus frequentadores. Nessa fala, é evidenciado o papel fundamental das parcerias para a continuidade dessas iniciativas, já que esses espaços estão além do acesso à leitura, mas trata-se de um espaço essencial de acolhimento e capacitação essencial para o empoderamento do público vulnerável. Contudo, os desafios estruturais e institucionais e recursos limitados, deixam em evidência a necessidade de um maior apoio público, institucional e da própria comunidade, que visa garantir a sustentabilidade e o impacto positivo dessas iniciativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao questionar como as práticas de humanização desenvolvidas na Biblioteca Cidadã influenciam os impactos sociais gerados nessa biblioteca comunitária voltada às pessoas em situação de vulnerabilidade social, percebe-se que existem muitas ações de sensibilização e um ambiente inclusivo nesta biblioteca comunitária. Por meio das entrevistas e revisão bibliográfica que deu apoio às análises foi possível investigar essa importante função da Biblioteca Cidadã enquanto biblioteca comunitária e agente de transformação social.

Percebe-se que existe um grande esforço empreendido na construção de uma prática humanizadora na Biblioteca Cidadã cujas práticas são manifestadas através das mediações e ações culturais que são feitas no local, com o objetivo de promover a reflexão e o acolhimento dessa população, no que diz respeito aos



esforços contínuos que são empenhados para a construção e manutenção de um espaço educativo, inclusivo e acolhedor para as pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social. Essas iniciativas revelam o compromisso com o atendimento às necessidades informacionais e educacionais dessa população historicamente relegadas às margens da sociedade, reafirmando o papel das bibliotecas comunitárias como agentes de transformação e integração social.

Percebe-se que a Biblioteca Cidadã exerce um papel estratégico na cidade de Florianópolis-SC pois é um espaço essencial de inclusão social e promoção da cidadania. Por meio do atendimento humanizado, que visa o acolhimento e a equidade, a biblioteca proporciona o acesso inclusivo à informação, à leitura e às atividades educativas e culturais. Prioriza, dessa forma, a construção de um ambiente plural e acessível, que transcenda as barreiras de cor, classe social, gênero, língua ou idade, contribuindo não apenas para a democratização do conhecimento, mas também para o fortalecimento dos processos de transformação social, que visam o compromisso com a promoção de direitos e a formação de cidadãos conscientes e independentes.

Nesse sentido, as atividades realizadas nesta biblioteca comunitária, como mediações de leitura, oficinas de artesanato e rodas de conversa literárias são estruturadas para promover acolhimento, diálogo e a troca ativa entre os participantes. Essas práticas não oferecem apenas um espaço de escuta e interação, mas também buscam incentivar reflexões críticas sobre o mundo e sobre desenvolvimento de novos conhecimentos. Por meio dessas ações educativas, busca-se estimular o pensamento crítico e inspirar mudanças significativas na vida dos frequentadores. Ao trazer obras e temas que despertem interesse das pessoas em situação de vulnerabilidade, as ações visam estimular a autonomia intelectual e educacional, incentivando a busca contínua pelo conhecimento e contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

Em relação aos principais desafios enfrentados na Biblioteca Cidadã, conforme evidenciados durante a fundamentação teórica e nas falas dos entrevistados, residem tanto na questão da limitação dos recursos financeiros quanto no preconceito enfrentado em relação às pessoas em situação de rua que prejudicam o alcance de parcerias institucionais.



A deficiência de recursos restringe a expansão das atividades desenvolvidas, o que compromete a ampliação e disponibilização dos recursos. Paralelamente à questão do preconceito, especialmente por se tratar de uma biblioteca que tem por objetivo promover o acesso e a inclusão informacional para as pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social. Esse preconceito não apenas limita as possibilidades de parcerias estratégicas, como também dificulta a implementação de ações que poderiam potencializar os impactos positivos da biblioteca na comunidade. Assim, tais desafios refletem não apenas as questões estruturais, mas também as barreiras culturais e sociais que precisam ser superadas, a fim de que a biblioteca possa alcançar seu pleno potencial como agente de transformação e promoção efetiva da cidadania.

Portanto, conclui-se que as bibliotecas comunitárias possuem um campo vasto de oportunidades para a promoção da humanização através de suas práticas e serviços ofertados. Através de ações educativas, culturais e de mediação, esses locais oferecem não apenas o acesso à informação, mas também acolhimento, reflexão e fortalecimento do protagonismo social. A Biblioteca Cidadã, ao adotar uma abordagem pautada na inclusão e no respeito às diversidades, se revela como um espaço estratégico para a construção de vínculos, estímulo ao pensamento crítico e empoderamento das pessoas em situação de vulnerabilidade. Essas iniciativas demonstram o potencial da biblioteca comunitária como instrumento de inovação e mudança, onde reafirma a importância do seu papel para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. S. de. **A relação de humanização e desumanização em Paulo Freire: perspectivas para uma proposta de educação.** 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/ppgcish-disserta%C3%A7%C3%B5es/arquivos/2963marcelo_silva_de_andrade.pdf. Acesso em: 09 ago. 2025.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem: ciência e cultura.** São Paulo, 1972.



CANDIDO, A. O direito à literatura. 1988. *In*: LIMA, Aldo de *et al.* (Org.). **O direito à literatura**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

CAVALCANTE, L. E.; FEITOSA, L. T. Bibliotecas comunitárias: mediações, sociabilidades e cidadania. Rio de Janeiro, **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, 2011.

Disponível em:

<https://bibliotextos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/03/bibliotecas-comunitarias-mediacao-sociabilidades-e-cidadania.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2025.

COELHO, C. D.; BORTOLIN, S. A produção científica sobre bibliotecas comunitárias nos periódicos da ciência da informação. **SECIN**, 7., 2017, São Paulo. **Anais [...]**.

Londrina: UEL, 2017. Disponível em:

<https://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2017/secin2107/paper/viewFile/442/266>. Acesso em: 09 ago. 2025.

DICIONÁRIO DO DESENVOLVIMENTO - Inclusão Social, 2016. Disponível em:

<https://ddesenvolvimento.com/portfolio/inclusao-social/>. Acesso em: 21 set. 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

FREIRE, P. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, H. F. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do **protagonismo social**. **Informação & sociedade: estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020.

Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/pt/revista/informacao-sociedade/articulo/mediacao-da-informacao-e-suas-dimensoes-dialogica-estetica-formativa-etica-e-politica-um-fundamento-da-ciencia-da-informacao-em-favor-do-protagonismo-social>. Acesso em: 09 ago. 2025.

IFLA. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO**, 2022.

JOSON, Jullia. **O papel das bibliotecas na construção de uma sociedade criativa e inovadora**. ArchDaily Brasil, 2022.

MACHADO, E. C. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-07012009-172507/pt-br.php>. Acesso em: 09 ago. 2025.



MATTOS, R. M.; FERREIRA, R. F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 47-58, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/r6rMZrKqN9VR8jxhKGVSDDq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 ago. 2025.

MENDONÇA, N. J. A. de. **A humanização na pedagogia de Paulo Freire**. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4507>. Acesso em: 09 ago. 2025.

NASCIMENTO, M. L. G. do. **Bibliotecas comunitárias, mediação cultural e literária**. 2024. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/77310>. Acesso em: 09 ago. 2025.

PRADO, G. M. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. **Inclusão Social**, v. 3, n. 2, 2010. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1638>. Acesso em: 09 ago. 2025.

RODRIGUES, M. M.; SERAFIM, L. A.; SILVA, E. do N. A influência de Paulo Freire nas bibliotecas populares: uma análise sobre a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 213-230, 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reeducpop/article/view/67002>. Acesso em: 09 ago. 2025.

SPUDEIT, D.; HAUGG, K. A. Práticas inclusivas na biblioteca cidadã: um relato de experiência de atividades técnicas e literárias com pessoas em situação de vulnerabilidade social. **Revista ACB**, v. 28, n. 2, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1987>. Acesso em: 09 ago. 2025.

SPUDEIT, D.; VITORINO, E. V. Apontamentos sobre o comportamento e competência em informação de pessoas em situação de rua. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 13, n. 3, p. 1019-1038, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/24454>. Acesso em: 09 ago. 2025.

NOTAS

Nome do autor: Maria Renata Antônio

Afiliação: Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Minicurriculo: Bacharel em Biblioteconomia pela UDESC

ORCID:

Lattes:

Email: mariarenata1253@gmail.com



Nome do autor: Daniela Fernanda Assis de Oliveira Spudeit

Afiliação: Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

Minicurrículo: Bibliotecária e Pedagoga. Especialista em Gestão de Bibliotecas. Mestre em Ciência da Informação - Linha Profissionais da Informação. Especialista em Didática do Ensino Superior. Tutora em Cursos EAD

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4658-6580>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4660698668153332>

Email: danielaspudeit@gmail.com

LICENÇA DE USO

CC BY-NC-ND.

ENTIDADE EDITORA

Associação Catarinense de Bibliotecários.

EDITORADO POR: Beatriz Moraes Borges; David Matos Milhomens; Débora Crystina Dias Reis; Marcelo Werneck de Souza Saraiva; Paula Sanhudo da Silva

HISTÓRICO

Recebido em: 16-02-2024 Aprovado em: 30-06-2025

